

A crítica de Nietzsche à linguagem: desconstruindo verdades e valorizando metáforas

Nietzsche's critique of language: deconstructing truths and valuing metaphors

DIEGO VINÍCIUS BRITO DOS SANTOS¹

Resumo: Este artigo examina a crítica de Nietzsche em relação às noções de verdades universais e transcendentais, com foco na natureza metafórica da linguagem. Nietzsche questiona a busca pela verdade na filosofia, argumentando que os filósofos criaram a ideia de um "mundo-verdadeiro" para justificar seus próprios preconceitos morais. Em contrapartida, Nietzsche valoriza o papel das metáforas na comunicação e na atribuição de significados, mas alerta para o perigo de transformá-las em verdades absolutas. Ele reconhece que a linguagem é uma construção humana sujeita a limitações e propõe uma compreensão mais profunda da linguagem como algo intrinsecamente metafórico. Assim, o objetivo principal deste artigo é explorar como Nietzsche apresenta sua abordagem da linguagem como um fenômeno complexo, levando em consideração suas obras e contribuições significativas nessa área.

Palavras chaves: Linguagem, verdade, mundo-verdadeiro, metáforas.

Abstract: This article examines Nietzsche's critique of the notions of universal and transcendent truths, focusing on the metaphorical nature of language. Nietzsche questions the pursuit of truth in philosophy, arguing that philosophers created the idea of a "true-world" to justify their own moral prejudices. In contrast, Nietzsche values the role of metaphors in communication and meaning-making, but warns against turning them into absolute truths. He recognizes that language is a human construction subject to limitations and proposes a deeper understanding of language as inherently metaphorical. Therefore, the main objective of this article is to explore how Nietzsche presents his approach to language as a complex phenomenon, taking into account his significant works and contributions in this field.

Keywords: Language, truth, true-world, metaphors.

Introdução

Em uma de suas obras, a professora da Universidade de São Paulo, Scarlett Marton, caracterizou Nietzsche como o "filósofo da suspeita". Sem dúvidas, a suspeita é uma das características de Nietzsche. Em algumas passagens de sua

¹ Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN (2014-2018), Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional, UNINTER (2022), e atualmente cursa a Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN (2020-atual). A formação inclui especializações em Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (UFPI, 2023), Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho (UFPI, 2022), Ciências Sociais, Gestão Escolar e Direitos Humanos (Faculdade Focus, 2022). Mestre em Filosofia na UFRN entre 2019 e 2022. E-mail: diego_svt@hotmail.com.br

obra, ele apresenta problemas e questões a serem analisados, como por exemplo, no aforismo 24 da terceira dissertação da "Genealogia da Moral", onde ele coloca a "vontade de verdade" (*Wille zur Wahrheit*) sob suspeita. A verdade será o objeto de análise de Nietzsche.

Nietzsche suspeitava de tudo o que era considerado verdadeiro, independentemente de quão bem estruturado fosse, seja na moral, na ciência, na religião ou até mesmo na base do conhecimento filosófico. Contrariando a tradição filosófica e seus "pré-conceitos morais" arraigados, Nietzsche mostrou que todo o conhecimento humano surge do orgânico, do corpo, e não de uma "metafísica fria".

Nietzsche se afastou da postura dos filósofos tradicionais que sempre negaram o fato de que a criação do conhecimento é derivada do mundo dos fenômenos. Ele deu prioridade ao orgânico e, por essa razão, suas críticas foram direcionadas à ideia metafísica, à consciência e à linguagem, três conceitos fundamentais que sustentam a epistemologia filosófica. Portanto, neste artigo, será apresentada a desconstrução feita por Nietzsche desses três conceitos filosóficos considerados verdadeiros pela tradição, a fim de compreender sua crítica ao conhecimento filosófico.

Como será demonstrado, Nietzsche investiga a criação do conhecimento a partir de uma perspectiva naturalista, pois conhecer é o resultado das interações entre indivíduos e entre os indivíduos e o meio, uma constante troca de informações e significados. Nietzsche destaca a criação dessas informações e significados, observando que são construções humanas, metáforas que conferem significado à realidade, às coisas e aos objetos do mundo.

A palavra que nomeia é uma criação humana e, diferentemente do que a tradição afirma, não há uma verdade inerente às coisas. O que a palavra ou a metáfora oferecem é um sentido para as coisas, um sentido conferido pelo homem que nomeia, avalia e cria. O nome atribuído a algo é uma metáfora e, enquanto metáfora, não possui uma verdade absoluta sobre algo, pois o sentido que o homem atribui às coisas não é a verdade sobre elas. Nietzsche percebeu que o homem se esquece disso e, por conta desse esquecimento, ele acaba compreendendo suas metáforas como verdades.

Nietzsche mostra, por meio de sua visão genealógica da consciência, que a necessidade de criar metáforas e significados surge da necessidade humana de comunicação. Essa necessidade é útil para a sobrevivência do homem, pois proporciona a formação de grupos sociais. Para Nietzsche, é somente no rebanho que o homem começa a criar metáforas sobre a realidade, pois ele precisa saber expressar-se e se comunicar com os outros.

Nesse sentido, o texto a seguir investigará desde o conceito de consciência até o processo de criação de metáforas, abordando a crítica de Nietzsche à linguagem, a fim de demonstrar que o conhecimento provém do orgânico e não de um "mundo verdadeiro", como defendem os filósofos tradicionais.

A procedência da consciência

O filósofo de Röcken, Friedrich Wilhelm Nietzsche, contrariando toda uma tradição psicofilosófica que o antecede, desenvolveu uma genealogia da consciência por meio de uma abordagem psicológico-genealógica.

Essa empreitada genealógica encontra-se principalmente no aforismo intitulado "Do 'gênio da espécie'", presente no quinto livro da obra "Gaia Ciência". Nietzsche acrescentou esse livro durante a expansão substancial da obra na segunda edição, em 1886. Além do quinto livro, ele também incluiu um Prólogo e um Apêndice com alguns poemas.

Ao adicionar o quinto livro da "Gaia Ciência" cinco anos após a primeira publicação, Nietzsche o tornou contemporâneo de obras como "Para Além do Bem e do Mal" (1885/86) e "Genealogia da Moral" (1887), nas quais a figura da psicologia ganha importância especial para o professor de filologia clássica da Universidade de Basileia.

No aforismo 354, Nietzsche apresenta claramente o seguinte problema:

O problema da consciência (ou, mais precisamente, do tornar-se consciente) só nos aparece quando começamos a entender em que medida poderíamos passar sem ela: e agora a fisiologia e o estudos dos animais nos colocam neste começo de entendimento (NIETZSCHE, 2012a, p. 221).

De acordo com o fragmento em questão, o problema da consciência se revela quando destacamos a necessidade do "tornar-se consciente" e investigamos

qual é a verdadeira necessidade para que o ser humano se torne consciente. Para realizar essa investigação, Nietzsche dá ênfase à fisiologia, buscando verificar se os processos fisiológicos, tanto humanos quanto animais, dependem da primazia da consciência para ocorrerem.

É por meio dessa necessidade, presente na exigência da consciência para a realização dos processos fisiológicos, que Nietzsche argumenta que a consciência é supérflua. Segundo Nietzsche: "poderíamos pensar, sentir, desejar, lembrar, 'agir' em todos os sentidos da palavra, e mesmo assim, nada disso precisaria 'entrar em nossa consciência' (expressão metafórica)" (NIETZSCHE, 2012a, p. 221). Através da fisiologia, Nietzsche mostra que as funções psíquicas e vitais podem continuar desempenhando seus papéis sem a necessidade da consciência.

Dessa forma, Nietzsche afirma que a vida

[...] seria possível sem que, por assim dizer, ela se olhasse no espelho: tal como, de fato, ainda hoje a parte preponderante da vida nos ocorre sem esse espelhamento – também da nossa vida pensante, sensível e querente, por mais ofensivo que isto soe para um filósofo mais velho. *Para que* então consciência, quando no essencial é *supérflua*? (NIETZSCHE, 2012a, p. 221, grifos do autor).

Assim, portanto, conforme apontado por Nietzsche, sua afirmação pode soar ofensiva aos ouvidos de filósofos mais tradicionais, uma vez que, ao longo da tradição filosófica, as ideias do "Eu" ou da "alma" como a unidade da consciência foram consideradas elementos primordiais para as funções psíquicas e vitais do ser humano. No entanto, se essas funções não dependem da consciência, surge a pergunta: "Para que serve a consciência? Qual é a sua função?"

Nietzsche, por meio de sua genealogia, oferece uma resposta a essa questão. Ele afirma: "Parece-me que a sutileza e a intensidade da consciência estão sempre relacionadas à *capacidade de comunicação* de uma pessoa (ou animal), e a capacidade de comunicação, por sua vez, está relacionada à *necessidade de comunicação*" (NIETZSCHE, 2012a, p. 221, grifos do autor). Podemos entender essa resposta de Nietzsche da seguinte maneira: I) o grau e a intensidade da consciência estão ligados à necessidade de comunicação; II) não apenas os seres humanos, mas também os animais são capazes de se comunicar; III) no entanto,

há uma diferenciação no grau e na intensidade da consciência entre os seres humanos e os animais; IV) os seres humanos possuem uma necessidade maior de comunicação.

Em relação a essa resposta, os pontos I, II e III estão suficientemente claros. No entanto, o ponto IV ainda não está totalmente esclarecido, pois surge o desejo e a necessidade de compreender a origem dessa "necessidade de comunicação" nos seres humanos. Sendo Nietzsche um genealogista, é evidente que essa investigação sobre a origem da necessidade de comunicação não passaria despercebida. Ele afirma: "Parece-me que é assim também em relação a raças e correntes de gerações: onde a necessidade, a carência, obrigou os seres humanos a se comunicarem, a se entenderem rapidamente e de forma sutil" (NIETZSCHE, 2012a, p. 221). Dessa forma, Nietzsche, com base na história das raças e das gerações, propõe que a necessidade de comunicação entre os seres humanos, surgida de sua proximidade, levou ao desenvolvimento da faculdade comunicativa.

Assim, se a resposta de Nietzsche à pergunta "Para que serve a consciência?", dividida nos pontos (I, II, III, IV), estiver correta, podemos afirmar que a consciência se originou e se desenvolveu por meio de dois fatores: utilidade e necessidade. Como Nietzsche continua no aforismo:

[...] a consciência desenvolveu-se apenas sob a pressão da necessidade de comunicação – de que desde o início foi necessária e útil apenas entre uma pessoa e outra (entre o que comanda e a que obedece, em espécie), e também se desenvolveu apenas em proporção ao grau dessa utilidade) (NIETZSCHE, 2012a, p. 222, grifos do autor).

Dessa forma, conclui-se que a consciência se desenvolveu a partir da necessidade de comunicação e que seu desenvolvimento também ocorreu devido à sua utilidade na formação da capacidade comunicativa do ser humano. No entanto, ao abordar isso, é importante entender o que Nietzsche entende por consciência e como essa concepção difere da concepção de filósofos mais tradicionais, que ainda acreditam no primado do "Eu" como unidade da consciência.

Nietzsche afirma: "Consciência é, na realidade, apenas uma rede de

conexões entre pessoas - é apenas assim que ela teve que se desenvolver: um ser solitário e predatório não precisaria dela" (NIETZSCHE, 2012a, p. 222). Nessa passagem, Nietzsche confere à consciência o significado de uma rede de conexões entre indivíduos. Além disso, como é característico de Nietzsche, ele traz novas considerações interessantes sobre a consciência. Percebemos que ele ainda está discutindo o desenvolvimento da consciência, mas agora sob uma nova perspectiva, ao enfatizar a questão da necessidade de comunicação. Ele ratifica que o desenvolvimento da consciência decorre da proximidade entre indivíduos ou da formação de relações sociais entre os seres humanos. O segundo ponto, o caráter solitário e predatório, é fundamental para compreender a visão de Nietzsche sobre a consciência. Ao afirmar que um ser humano solitário e predatório não precisaria de consciência, Nietzsche esclarece que o surgimento da consciência está relacionado à formação de sistemas sociais (vida em sociedade), e a falta de um caráter predatório no homem foi substituída ou suprida pela comunicação, que passou a ser utilizada pelo homem como uma ferramenta para sua autopreservação.

Essa conclusão sobre o uso da comunicação como uma ferramenta de autopreservação pode ser relacionada a uma passagem escrita por Nietzsche em "Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral", na qual ele coloca o intelecto humano com a mesma finalidade da comunicação e, conseqüentemente, da consciência. Embora Nietzsche não se refira especificamente à consciência nessa passagem, é interessante perceber as conexões entre o pensamento de Nietzsche em 1873 e seu pensamento mais maduro. Nesse escrito, o jovem filósofo-filólogo considera o intelecto como algo sem propósito e gratuito na natureza. No entanto, sem propósito? Segundo Nietzsche, o intelecto humano é uma concessão, foi concedido apenas como meio auxiliar para os seres mais infelizes, delicados e efêmeros, para que eles possam se manter na existência, da qual teriam toda razão para fugir, caso não tivessem essa concessão. Dessa forma, podemos perceber a visão de Nietzsche sobre o intelecto como um meio de auxiliar o animal mais indefeso da natureza: o homem. O homem precisa do intelecto para sua sobrevivência e, conseqüentemente, para sua preservação. É evidente a percepção de que o intelecto, a consciência e a comunicação são

fatores necessários para o homem, pois ele é o animal mais vulnerável da natureza e precisa desses recursos para obter proteção e ajuda de seus semelhantes.

Para Nietzsche, o homem só começou a receber ajuda e proteção dos outros quando adquiriu consciência do que sentia, do que lhe faltava e do que precisava. A partir dessa consciência, ele precisava aprender a se comunicar e se expressar, como Nietzsche enfatiza:

O fato de nossas ações, pensamentos, sentimentos, mesmo movimentos nos chegarem a consciência – ao menos parte deles –, é consequência de uma terrível obrigação que por longuíssimo tempo governou o ser humano: ele *precisava*, sendo o animal mais ameaçado, de ajuda, proteção, precisava de seus iguais, tinha de saber exprimir seu apuro e fazer-se compreensível – e para isso tudo ele necessitava antes de “consciência”, isto é, “saber” o que lhe faltava, “saber” como se sentia, “saber” o que pensava. Pois, dizendo-o mais uma vez: o ser humano, como toda criatura viva, pensa continuamente, mas não o sabe; o pensar que se torna *consciente* é apenas a parte menor, a mais superficial, a pior, digamos: – pois apenas esse pensar consciente *ocorre em palavras, ou seja, em signos de comunicação*, com o que se revela a origem da própria consciência (NIETZSCHE, 2012a, p. 222, grifos do autor).

99

Antes de prosseguir com a análise do aforismo, é importante abordar a questão levantada anteriormente: qual é a diferença entre a concepção de consciência de Nietzsche e a de um filósofo mais tradicional? Conforme discutido até agora, para Nietzsche, a consciência se desenvolve a partir da necessidade de comunicação e também por sua utilidade, como mencionado anteriormente. Portanto, não é correto afirmar, como fazem os filósofos tradicionais, que a consciência é uma faculdade essencial ou metafísica inerente à natureza humana. Essa é a distinção entre os dois entendimentos de consciência.

Há um aforismo interessante (§11) em *A Gaia Ciência*, no qual Nietzsche critica os filósofos tradicionais, demonstrando que eles deram mais importância à crença de que o homem já possui consciência do que ao desenvolvimento da consciência no homem. Nietzsche coloca o seguinte:

Pensam que nela está o *âmago* do ser humano, o que nele é duradouro, derradeiro, eterno, primordial! Tomam a consciência por uma firme grandeza dada! Negam seu crescimento, suas

intermitências! Veem-na como “unidade do organismo”! – Esta ridícula superestimação e má compreensão da consciência tem por corolário a grande vantagem de assim foi *impedido* o seu desenvolvimento muito rápido. Por acreditarem já ter a consciência, os homens não se empenharam em adquiri-la – e ainda hoje não é diferente (NIETZSCHE, 2012a, p. 61, grifos do autor).

A concepção de Nietzsche sobre a consciência revela que ela não é inerente ao ser humano, mas sim uma necessidade que surge no processo de desenvolvimento do homem. Embora não seja uma faculdade essencial da natureza humana, a consciência é indispensável e necessária para a comunicação, permitindo que o homem possa refletir sobre o que pretende transmitir. Nietzsche afirma que o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento da consciência andam de mãos dadas, referindo-se não à razão em si, mas ao autorealhecimento da razão.

Existe uma relação intrínseca entre consciência, comunicação e sociedade, uma vez que a consciência surge da necessidade de comunicação, e a comunicação surge da necessidade de aproximação e das relações sociais entre os indivíduos. Portanto, a comunicação é o fator que conecta a consciência e a sociabilidade.

É importante destacar que a comunicação não se limita apenas à linguagem verbal. Nietzsche observa que o olhar, o toque e os gestos também servem como pontes de comunicação entre os seres humanos. A linguagem verbal pode expressar apenas o que entra na consciência, revelando a superficialidade desta. Existem processos inconscientes e subconscientes no ser humano que não chegam à consciência e, portanto, não são verbalizados em palavras. No entanto, eles podem ser expressos de outras maneiras, o que explica a necessidade de criar ainda mais formas e signos para expressar estados internos.

Nietzsche argumenta que o aumento da necessidade de transmitir as impressões dos sentidos a outros por meio de signos levou ao desenvolvimento da consciência. O homem precisou criar mais signos para tornar-se consciente daquilo que não chega à consciência. É somente como um animal social que o homem adquire a necessidade de tornar-se consciente de si, a fim de expressar-se aos outros.

Em resumo, Nietzsche desenvolve uma genealogia da consciência, apontando a sobrevivência e a preservação do homem como fatores que possibilitaram o surgimento e o desenvolvimento da consciência. A consciência está intimamente ligada à necessidade de comunicação do homem, que por sua vez está relacionada à vida em sociedade. A partir da aproximação entre os indivíduos, essa necessidade de comunicação tornou-se cada vez mais sutil, desenvolvendo a faculdade comunicativa do homem em um grau maior do que a dos demais animais. A legislação da linguagem, necessária para a coexistência social, permitiu o surgimento do que entendemos como conhecimento.

Nietzsche dá prioridade à investigação fisiológica sobre a origem do conhecimento, em contraste com a tradição filosófica que aborda essa questão através da metafísica e de aspectos transcendentais. Ele privilegia a fisiologia porque entende que é a partir do orgânico, do fisiológico, que a linguagem e o conhecimento têm sua procedência. De acordo com Scarlett Marton, a preferência de Nietzsche pela fisiologia se deve:

A maneira pela qual ele aborda a questão inscreve-se numa perspectiva naturalista; considera o ato de conhecer resultante de interações de indivíduos, pertencentes a determinada espécie animal, entre si e com o meio que os cerca. Essa abordagem talvez decorra diretamente do fato de recusar toda divindade, todo poder transcendente. Ele rejeita qualquer explicação da origem e funções das aptidões humanas que não as tome, antes de mais nada, como fruto do desenvolvimento orgânico (MARTON, 1990, p. 192).

A partir dessa perspectiva naturalista, no primeiro tópico, foi possível compreender a crítica de Nietzsche à noção da origem da consciência propagada pela tradição metafísica. Agora, utilizando essa abordagem, pretendemos investigar a origem da linguagem, visando destacar a ausência de verdade na correspondência entre palavra e objeto, entre discurso e realidade.

Linguagem e metáfora

A linguagem e a comunicação são temas de extrema importância para Nietzsche, especialmente devido à sua formação inicial em filologia. É relevante

lembrar que, em 1869, aos vinte e quatro anos, Nietzsche foi nomeado professor de Filologia Clássica na Universidade de Basileia, tornando-se a pessoa mais jovem a alcançar tal posição. Inicialmente, sua trajetória acadêmica como professor de filologia clássica estava voltada para a crítica textual grega e romana, sendo somente mais tarde que ele se direcionou para a filosofia, após ter conhecido a obra de Arthur Schopenhauer intitulada "O Mundo como Vontade e Representação" (1819/20), a qual contribuiu significativamente para o desenvolvimento de importantes premissas em sua filosofia.

No primeiro tópico, para compreender a genealogia da consciência, utilizamos o pensamento de Nietzsche em sua fase madura. No entanto, é perceptível que grande parte do que foi apresentado pode ser relacionado ao pensamento do jovem Nietzsche, quando ele ainda era filósofo-filólogo. Portanto, neste tópico, recorreremos a escritos desse período, incluindo "O último filósofo: considerações sobre o conflito entre arte e conhecimento", escrito no outono-inverno de 1872, "Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral" (1873), e alguns fragmentos póstumos do verão de 1872 ao início de 1873. Essas obras visam compreender, a partir da perspectiva da linguagem, como o ser humano produz e utiliza a linguagem em suas relações sociais, com o objetivo de examinar o uso da linguagem na criação de verdades.

A investigação sobre a linguagem começa com a intenção de Nietzsche de demonstrar que as verdades são ilusões, metáforas desgastadas e desprovidas de força. Para realizar essa empreitada, o filósofo-filólogo parte da seguinte pergunta-resposta: "O que é uma palavra? A representação de um estímulo nervoso em forma de som" (NIETZSCHE, 1983, p. 47). Nietzsche explora essa representação da palavra em duas metáforas: "Um estímulo nervoso primeiro transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, moldada em som! Segunda metáfora" (NIETZSCHE, 1983, p. 47). Na primeira metáfora, quando o ser humano percebe um objeto através dos olhos, isso gera um estímulo nervoso, que é então transformado em uma imagem. Nietzsche, em um fragmento póstumo do verão de 1872 ao início de 1873, simplifica essa ideia ao escrever: "A natureza nos proporcionou ilusões fragrantas. Esse é o nosso elemento. Vemos formas e, ao invés de verdades, sentimos estímulos"

(NIETZSCHE, 2012b, p. 73). Dessa forma, Nietzsche aponta que o ser humano, ao ver um objeto, não pode apreender a verdade sobre o que vê. No entanto, ele consegue abstrair o estímulo ou a forma do objeto visto e submetê-lo à legislação da linguagem, na qual será nomeado e classificado de acordo com suas propriedades abstraídas metaforicamente, como gênero, tamanho, cor, peso, entre outros. Por fim, a segunda metáfora do processo de representação da palavra corresponde à transformação da forma da imagem (derivada da primeira metáfora do objeto) em som, ou seja, a emissão sonora.

Embora o ser humano possa abstrair a realidade, objetos e outras coisas por meio de metáforas, isso não significa que ele tenha alcançado ou possua qualquer verdade sobre essas coisas. Portanto, Nietzsche afirma: "Acreditamos saber algo sobre as próprias coisas quando falamos de árvores, cores, neve e flores, mas na verdade não possuímos nada além de metáforas dessas coisas, que de forma alguma correspondem às entidades originais" (NIETZSCHE, 1983, p. 47). Assim, o ser humano não é capaz de conhecer a verdade das coisas, uma vez que a linguagem não surge da essência das coisas, já que "a linguagem, em sua forma primordial, é metáfora" (BULHÕES, 2007, p. 257). É nessa linha de pensamento que se pode compreender a resposta de Nietzsche à pergunta sobre o que é a verdade. Anteriormente, a verdade era considerada o objeto e o propósito das investigações filosóficas tradicionais. A verdade era o que diferenciava o conhecimento (episteme) da opinião (doxa). No entanto, de acordo com a perspectiva nietzschiana, não há critério que possa distinguir o discurso verdadeiro do discurso falso, pois "Nietzsche propõe uma espécie de perspectivismo da linguagem, considerando que não existem discursos ou verdades absolutas, mas apenas interpretações singulares dos eventos" (BITTENCOURT, 2009, p. 182). Para Nietzsche, as palavras não revelam a verdade das coisas, nem as próprias coisas, pois há uma distinção entre a palavra e a coisa.

No entanto, devido à necessidade de comunicação e à natureza da linguagem, ao longo da história, os seres humanos se permitiram ser enganados, acreditando que as palavras são as próprias coisas. Por exemplo, o conceito de "pedra" é frequentemente confundido com a própria coisa "pedra". O intelecto humano só pode criar metáforas e conceitos para descrever o mundo, mas não

pode obter verdades sobre as coisas do mundo. Em um escrito póstumo de 1872 intitulado "O último filósofo: considerações sobre o conflito entre arte e conhecimento", Nietzsche afirma: "Tempo, espaço e causalidade são apenas *metáforas* do conhecimento através das quais explicamos as coisas" (NIETZSCHE, 2001, p. 45, grifo do autor). Dessa forma, é possível explicar as coisas por meio de metáforas e conceitos, no entanto, nesse processo, não é possível obter a verdade das coisas.

Essa constatação da impossibilidade do ser humano em obter a verdade das coisas é um importante pilar da crítica de Nietzsche à linguagem, que "consiste na hipótese de que as palavras que constituem o vocabulário cotidiano e a própria estrutura da gramática não expressam uma essência interna, que subsista ontologicamente por si mesma" (BITTENCOURT, 2009, p. 182). Nietzsche, ao formular sua crítica, tem como objetivo atacar a crença tradicional de que existe uma relação possível entre a palavra e o objeto, entre o discurso e a realidade. Essa crença tem sido recorrente desde o surgimento da filosofia, como observado nos diálogos platônicos, particularmente em "Crátilo", em que o personagem Sócrates defendia que as palavras expressam a essência das coisas. Conforme coloca Carlos Alberto Ribeiro de Moura: "[...] a linguagem, segundo o Sócrates platônico, será tecida como nomes justos, nomes que exprimem a essência dos objetos" (MOURA, 2014, p. 43). Contudo, é importante ressaltar que a palavra é uma criação humana, uma metáfora que atribui sentido aos objetos e à realidade. No entanto, esse sentido não deve ser confundido com a verdade absoluta dos objetos e da realidade. O sentido conferido pelo ser humano é uma abstração, não uma verdade definitiva, por essa razão:

Nietzsche, caminhando na contramão do roteiro eleito pelo *Crátilo*, partirá da convicção de uma inadequação de princípio entre as palavras e as coisas, para concluir o divórcio radical entre as palavras e a verdade, ou antes, para estabelecer o *non sens* da oposição entre "discursos verdadeiros" e "discursos falsos" (MOURA, 2014, p. 45, grifos do autor).

No próximo e último tópico, será apresentada a ideia do divórcio entre as palavras enquanto criação humana e a noção de verdade defendida pelos filósofos da tradição. Isso irá evidenciar que não existe uma verdade absoluta a ser

alcançada, uma vez que o conhecimento se origina da experiência humana, do mundo dos fenômenos, e não de um suposto mundo verdadeiro.

A fábula da verdade

Apesar de Nietzsche ser um crítico da linguagem, não é correto pensar que ele desejava negar o valor da linguagem, o valor gramatical ou o do pensamento lógico, que culmina na possibilidade fisiológico-antropológica da criação de metáforas. A crítica de Nietzsche à linguagem baseia-se na constatação de que não existem conhecimentos absolutos ou verdades universais e transcendentais. Essa crítica possibilita "superar o dogmatismo tradicional na filosofia e seus consequentes preconceitos intelectuais, cristalizados por uma busca interminável por um grau de 'verdade' que efetivamente não existe" (BITTENCOURT, 2009, p. 182).

Embora Nietzsche tenha essa intenção em sua crítica, ele não desvaloriza o uso da linguagem e da gramática para a comunicação do homem em sociedade e na criação de metáforas para explicar as coisas do mundo. Pelo contrário, ele as considera admiráveis. "O homem, de forma surpreendente, cria a partir de si mesmo - assim como a aranha tece sua teia - metáforas e metonímias que, em associação, formam redes de pensamento, teias de significados" (BULHÕES, 2007, p. 258). No entanto, Nietzsche critica o fato de o homem esquecer o que suas metáforas representam suas criações, levando-o a transformá-las em verdades.

Essa transfiguração de metáforas em verdades está diretamente relacionada ao desejo presente na filosofia, um "dos preconceitos dos filósofos": a busca constante pela verdade. Mas por que esse impulso em direção à verdade? "[...] queremos a verdade, mas por que não preferir a falsidade? Ou a incerteza? Ou mesmo a ignorância?" (NIETZSCHE, 2005, p. 9). Nietzsche, no aforismo 24 da terceira dissertação da "Genealogia da Moral", coloca a vontade de verdade sob suspeita, afirmando: "A vontade de verdade requer uma crítica - com isso determinamos nossa tarefa -, o valor da verdade será experimentalmente questionado..." (NIETZSCHE, 2009, p. 131). Além de mencionar essa tarefa em seu aforismo, Nietzsche indica onde em seus escritos é possível perceber sua crítica à

vontade de verdade, sendo eles: o aforismo 344 de "A Gaia Ciência", ou todo o quinto livro dessa obra, e o Prefácio de "Aurora".

Em um primeiro momento, pode-se constatar que os filósofos atribuíram um valor positivo à verdade, ao contrário do valor negativo dado à incerteza e à falsidade, que eram evitadas pelos filósofos. Nietzsche, no aforismo da "Gaia Ciência" (§ 344) intitulado "Em que medida também nós ainda somos devotos", reflete sobre a vontade de verdade. Ele coloca: "Esta absoluta vontade de verdade: o que será ela? Será a verdade de *não se deixar enganar*? Será a vontade de *não enganar*?" (NIETZSCHE, 2012, p. 209, grifos do autor). Através dessas questões, Nietzsche amplia a discussão sobre a vontade de verdade, direcionando-a aos que buscam a verdade.

Aqueles que buscam a verdade pressupõem que, neste mundo sensível, enganador e fugaz, é impossível encontrar uma verdade absoluta, pois "O conceito de verdade qualifica um mundo como verídico" (DELEUZE, 2001, p. 144). Assim, os que buscam a verdade projetam a ideia de um "mundo-verdadeiro" que, em contrapartida ao mundo dos fenômenos, pode oferecer um conhecimento verdadeiro, ignorando completamente que a criação do conhecimento só é efetivada na experimentação humana. Sem a experimentação fenomenológica, a realidade não poderia se apresentar ao homem, tornando impossível a existência de qualquer forma de conhecimento. Para essas pessoas, nega-se o devir da vida, a transformação, a mudança, e começa-se a idolatrar ideias. Aqueles que buscam a verdade acreditam que é impossível encontrar um verdadeiro conhecimento no mundo dos fenômenos, pois esse mundo tende ao engano, à ilusão, à persuasão. Portanto: "Se alguém deseja a verdade, não é em nome do que o mundo é, mas em nome do que o mundo não é" (DELEUZE, 2001, p. 144).

O conceito de verdade está diretamente ligado à crença em um "mundo-verdadeiro" que está por trás da aparência fenomenal. No entanto, a busca da verdade está no âmbito pessoal e moral, pois essa busca não é despretensiosa, haja vista que:

Não há sentido em fabular acerca de um "outro" mundo, a menos que um instinto de calúnia, apequenamento e suspeição da vida seja poderoso em nós: nesse caso, *vingamo-nos* da vida com a

fantasmagoria de uma vida "outra", "melhor" (NIETZSCHE, 2006, p. 29, grifo do autor).

Dessa forma, em concordância com Deleuze, o "homem que não quer enganar, quer um mundo melhor e uma vida melhor; todas as suas razões para não enganar são razões morais" (DELEUZE, 2001, p. 145). Portanto, a atribuição de valor a um mundo verdadeiro não passa de um preconceito moral. Nesse sentido, a vontade de verdade decorre de uma crença metafísica em um mundo verdadeiro, uma crença que foi defendida pelos filósofos, pois, como diz Nietzsche: "eles são advogados que não querem ser chamados assim, e na medida defensores ardilosos de seus preconceitos, que batizam de 'verdade'" (NIETZSCHE, 2005, p. 12). Para Nietzsche, os filósofos criaram a ideia de um outro mundo para elevar e defender seus preconceitos morais. Os filósofos nunca estiveram preocupados com a verdade, mas apenas com suas próprias verdades, pois "toda grande filosofia foi até agora: a confissão pessoal de seu autor, uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas" (NIETZSCHE, 2005, p. 12). A verdade, como visto no tópico anterior, só existe enquanto acreditamos nela, pois: "Acreditamos saber algo das coisas em si, quando falamos de árvores, cores, neve e flores, e, no entanto, não possuímos nada além de metáforas das coisas, que de modo algum correspondem às entidades originais" (NIETZSCHE, 1983, p. 47). Em outras palavras, o homem não pode ter a verdade sobre algo, apenas suas metáforas.

Portanto, se o que existe é uma crença na verdade e essa crença é um erro derivado da vontade de não querer ser enganado, pode-se afirmar que não há verdades absolutas, apenas metáforas como produto da criação humana, conforme demonstrado no segundo tópico, onde ficou evidente a intenção de Nietzsche de mostrar que as verdades são ilusões, metáforas desgastadas e sem força.

Nesse sentido, não existem verdades como correspondência entre pensamento e as coisas. A verdade é um valor criado pelo homem, que, segundo o personagem Zaratustra, é um avaliador, pois: "Valores foram atribuídos às coisas pelo homem, primeiro, para se preservar - primeiro, ele criou o sentido das coisas, um sentido humano! Por isso ele se chama 'homem', isto é: aquele que

avalia" (NIETZSCHE, 1986, p. 75). O valor atribuído pelo homem a algo é o que dá sentido a esse algo. No entanto, esse homem que cria valores se esquece de que os criou, acredita que seus valores vêm de outro mundo. Nietzsche afirma que "Somente através do esquecimento pode o homem alguma vez supor que possui uma 'verdade'" (NIETZSCHE, 1983, p. 47), ou seja, é por meio do esquecimento que o homem atribui às suas criações e crenças o valor de verdade. Assim, a verdade não pode ser encontrada, não porque esteja em outro mundo, já que a verdade está no mundo dos fenômenos, mas sim porque é um valor estabelecido na criação do homem, em seus preconceitos, em suas metáforas.

Considerações finais

No desenvolvimento deste breve texto, chegou-se à compreensão da crítica nietzschiana a conceitos considerados pela tradição filosófica como verdades absolutas. Nietzsche, ao denunciar essa tradição, mostra, por exemplo, que a consciência, tão enaltecida pelos filósofos, é supérflua. Ao voltar-se para os pressupostos de seu surgimento, percebe-se que ela surge por meio de uma necessidade humana, a comunicação. Dessa forma, o surgimento de todos e quaisquer conceitos linguísticos não passa de mera criação convencional do homem, indo contra a tradição que sempre viu uma relação objetiva entre o discurso e a realidade, entre o ser e o dizer. Assim, a crítica de Nietzsche à tradição direciona-se ainda contra o próprio valor da verdade, uma vez que o discurso ou o dizer não está em concordância com a realidade, pois o discurso é produto do subjetivo, do orgânico, e, enquanto tal, não proporciona uma verdade sobre o real, mas apenas uma caracterização metafórica do que se apresenta ao homem. Dessa forma, a linguagem convencional não se refere de modo verdadeiro ao real, e, por meio desse raciocínio, conceitos como certeza e verdade são apenas ilusões necessárias à vida em sociedade.

Por fim, conclui-se que a crítica nietzschiana é uma forma de averiguar e expor a fragilidade de conceitos considerados por muito tempo inabaláveis, inquestionáveis e verdadeiros, mas que não passam de ilusões e, inclusive, crenças. A linguagem revela uma crença moral, uma negação de nossa realidade,

pois aqueles que buscam um conhecimento verdadeiro por meio da linguagem projetam a ideia de um mundo verdadeiro, no qual, em contrapartida ao mundo dos fenômenos, se pode obter um conhecimento verdadeiro, ignorando completamente que a criação do conhecimento só é efetivada na experiência humana. Assim, a linguagem é utilizada para contribuir com o surgimento de conceitos baseados em uma imutabilidade e na intangibilidade da metafísica. É importante destacar que Nietzsche não critica o conhecimento em si, ele critica o fato de os filósofos buscarem um conhecimento absoluto fundamentado na metafísica, pois, para Nietzsche, o conhecimento só pode ser constituído na realidade concreta e por meio de interpretações metafóricas, uma vez que conhecer é interpretar o que se manifesta ao homem.

Referências

BITTENCOURT, R. N. "Quid Est Veritas? - A crítica ao realismo da linguagem em Nietzsche". In: *Intuitio*, v. 1, n. 1, p. 181-200, 2009.

BULHÕES, F. M. "Como diria Nietzsche, pensar é (antes de tudo) uma atividade criativa". In: *Princípios (UFRN)*, v. 22, p. 253-261, 2007.

CAMARGO, G. A. "Sobre o conceito de verdade em Nietzsche", in *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, v. 2, p. 93-112, 2008.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. 2. ed. Lisboa: Rés-editora, 2001.

FOUCAULT, M. "Nietzsche, a genealogia e a história". In: *Microfísica do poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, p. 15-37, 2008.

MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MOURA, C. A. R. *Nietzsche: Civilização e Cultura*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. M. da Silva. São Paulo: Círculo do livro, 1986.

NIETZSCHE, F. *O último filósofo. Considerações sobre o conflito entre arte e conhecimento (outono-inverno de 1872)*. Trad. R. E. F. Frias. In: O livro do filósofo. São Paulo: Centauro, 2001.

NIETZSCHE, F. "Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral", in *Obras Incompletas*. Trad. R. R. Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, p. 44-52, 1983. (Coleção os pensadores).

NIETZSCHE, F. *Sobre Verdade e Mentira no sentido extra-moral*. Trad. F. M. de Barros. São Paulo: Hedra, 2012b.

Submissão: 13. 06. 2023 / Aceite: 30. 08. 2023